93 08 02

TC1432

CONSELHO NACIONAL DA RESISTÊNCIA MAUBERE-CNRM
Conselho Executivo de Luta / Frente ARMADA-CEL/FA

Para: A juventude ESTUDANTIL em: Portugal

Caríssimos Jovens Estudantes
Loricitos de Timor-Leste

Após quase meio ano de silêncio, venho hoje em nome do CNRM e das FALINTIL aswain dirigir-vos esta mensagem da Luta, procurando abordar um bocado sobre os últimos acontecimentos que fizeram da nossa Luta uma tragédia jamais vivida nesses últimos 14 anos de Resistência do nosso Povo à vil e cobarde agressão e ocupação indonésia à nossa Pátria!

O 17.º (décimo sétimo) de Resistência Armada contra a selvática ocupação militar indonésia à nossa Pátria findou prenhe de situações dramaticamente avassaladoras cujas consequências estão sendo hoje profundamente sentidas por toda a Resistência.

A captura de Xanana Gusmão, o histórico líder consensual da Resistência Maubere foi o acontecimento do ano de trágicas dimensões que a história da Resistência dos últimos anos, da Conferência Nacional de Março/81 à data jamais registou nas suas páginas ensanguentadas.

A destruição total das nossas organizações de resistência clandestino que teve lugar na sequência da captura do nosso líder, foi outro acontecimento dramático que abalou as estruturas da Resistência.

E, como se tudo isso não bastasse para sentirmos já os efeitos avassaladores desse dramática situação que abalou todo o edifício da Resistência Maubere, provocando fendas paradoxais na sua estrutura, fendas essas que nas actuais circunstâncias em que estamos resistindo à ocupação se nos tornam muito mais difíceis para não dizermos impossíveis de serem reparadas e, mal-refeitas que fomos com a recomposição da nova Direcção da Luta, o 18.º (décimo oitavo) ano de Resistência Armada iniciou marcando mais um trágico acontecimento pois, o inimigo desferiu-nos mais um novo e durríssimo golpe com a captura do Companheiro Ma'Huno Buloreh Kanthayano - o novo Chefe da Resistência e o último membro mais veterano da anterior Direcção da Luta, fechando assim a última página de uma história inglória da velha formação de Direcção da nossa Luta.

Caríssimos Jovens Estudantes
Loricitos de Timor-Leste

Há muito que o inimigo vem-se esforçando em exterminar totalmente a Direcção da Luta e as FALINTIL aswain, condição única e premente para acabar com o conflito armado em Timor-Leste.

A captura dos nossos líderes, vivos ou mortos, sempre foi o objectivo de maior cobiça dos ocupantes indonésios, cobiça essa muito disputada entre os militares indonésios para fins pessoais.

Para o efeito, a par das sucessivas operações militares do exército ocupante para a materialização do seu sonho maquiavélico, os serviços secretos de informação indonésios - o Intel, vem intensificando também as suas acções da busca de dados, melhorando os seus métodos de recolha de informações e ensaiando sempre novas e sofisticadas tácticas para a obtenção de dados mais actualizados e precisos.

À materialização dessa maior cobiça pela captura de Xanana Gusmão, em 20 de Novembro de 1992 e de Ma'Huno em 3 de Abril de 1998 atestou, por um lado, a eficiência dos serviços secretos de informação indonésios e, por outro lado, representou o maior e o mais duro golpe que o inimigo desferiu à nossa Luta e a sua Direcção nesses últimos anos.

O inimigo dizia que foi o seu golpe mortal desferido contra a Resistência Maubere, o fim da sua resistência porque:

— O comando estratégico da luta, o cérebro da organização deixou de existir. Os líderes mais veteranos, ideológos, sábios e estrategas da Resistência já estão todos presos.

– Os restantes membros da Direcção, novatos, sem experiências de direcção e analfabetos não serão capazes de continuar a dirigir a Luta.

– As FALINTIL reduzidas não poderão suportar mais uma guerra prolongada porque sem o seu Comando e com o fim do apoio popular que desfrutam deixaram de ter garantias quanto ao seu reabastecimento em pessoal e material.

– Os poucos renitentes estarão, pelo peso das cadaveres mais crescentes dificuldades resultantes do prolongamento da guerra, sujeitos ao desespero e a exterminação total, por isso mesmo, não terão outra solução a escolher se não a de deporem as armas e renderem-se.

– E, finalmente, o fim do conflito armado em T.Leste acaba de conhecer o seu princípio porque as FALINTIL deixaram de constituir o factor de instabilidade permanente no território, as acções da guerrilha deixaram de ser o factor político mobilizador das massas populares e T.Leste estará em pouco tempo estável onde o "rakyat de "Tim-Tim" trabalha livremente pelo seu bem-estar e colaborando com as autoridades na construção do progresso e desenvolvimento da "província."

Por tudo isso, a frente externa da resistência timorense deixará de ter argumentação política para invocar e defender os direitos do "rakyat" de "Tim-tim" porque este já se autodeterminou, escolhendo por sua livre vontade a integração do território na Indonésia e colaborando as autoridades e o exército na captura dos líderes da resistência e na erradicação da guerrilha.

Passaram meses de silêncio entre nós caracterizado imenso em que ouvíamos apenas o som das trombetas dos ocupantes tocando a euforia das suas vitórias e o bombardear ruidoso das suas propagandas semeando confusão, terror, intimidação, desânimos, desmoralização e derrotismo. Mas também para cá das montanhas ingremes da Pátria se ouviam aqui e além o troar contínuo dos armas dos mártires guerrilheiros tocando a canção de liberdade do nosso Povo, alimentando esperanças.

20 de Novembro de 1992 a 20 de Abril de 1993, passaram-se 5 (cinco) meses cheios de situações dolorosas e angustiantes, cheios de dôr e de lágrimas, cheios de tristeza e frustrações, cheios de dúvidas e incertezas, cheios de inquietação e ansiedade numa mescla de dôres e esperanças.

Pensamos chegar já o momento para fazermos um balanço breve da situação por que passou a nossa luta e reunirmos coragem política necessária para tomarmos medidas importantes e decisivas afim de desfazermos o espesso manto negro que obscurece o horizonte de esperanças da nossa Luta.

Partimos por reconhecer que que vivemos e sentimos o enorme peso das consequências desastrosas e irreparáveis desta crise que resultou da captura sucessiva dos nossos maiores ideólogos, dos nossos líderes, crise esta que abalou duramente todo o edifício da Resistência provocando fendas profundas na sua estrutura porque:

1- No plano da Direcção e da Luta, Xanana foi todo ele mesmo a Resistência Maubere; Xanana foi o sábio, o estratega, o intelectual fora do comum na sociedade timorense, segundo Mário Carrascalão, o ideólogo e o arquitecto que soube reerguer das cinzas de destruição... o edifício da Resistência Maubere; Xanana foi o líder corajoso que sàbiamente soube imprimir na luta as mudanças políticas necessárias, tornando a luta numa resistência nacional e sobretudo, nacionalista. Xanana foi o incansável líder lutador pela construção da unidade dos timorenses, unindo todas as forças patriotícas e nacionalistas, todo o povo de Timor-Leste na resistência contra a ocupação, lutando lado a lado sem preconceitos políticos partidários nem discriminações de qualquer ordem. Xanana foi, portanto, o símbolo da unidade do nosso Povo, o símbolo da Luta.

2- A captura sucessiva dos nossos líderes foi para a Direcção da Luta e para toda a Luta uma derrota estratégica cujas consequências estão sendo profundamente sentidas na nossa luta pela diminuição visível das nossas capacidades de resistência em todas as frentes da luta, armada, político-clandestina e diplomática, mas não representou o fim da resistência maubere.

Perdemos, sim, os nossos maiores ideólogos, os nossos maiores sábios, os nossos estrategas! Sofremos, sim, uma derrota estratégica de carácter decisivo mas ainda não perdemos a guerra, a captura dos nossos líderes não representou o fim da Resistência Maubere porque:

a – a derrota foi apenas traduzida na perda física e intelectual dos nossos líderes, capazes de sintetizar as experiências da Luta do Povo Maubere e indicar-lhe o rumo certo a seguir na concretização do seu objectivo final a libertação da Pátria. Comum, mas o seu pensamento - fruto de sangue, de suor, de lágrimas, de dôr, de sofrimentos e sacrifícios, de morte de todos quantos estão empenhados nesta Luta, de todo um Povo que resiste à ocupação ficou

b – nós, os actuais membros da direcção da Luta que ainda resistimos nas montanhas, embora nunca desejássemos colocarmo-nos em bicos-de-pé para nos compararmos aos nossos líderes capturados porque reconhecemos em nós mesmos as nossas extremas limitações, não nos faltam vontade e determinação para continuarmos a lutar, dirigindo a nossa Luta e cumprirmos o nosso dever de morrer pela libertação da nossa Pátria. Não ambicionamos nada para nós nesta guerra, a única ambição que possuímos é a libertação de nossa Pátria. Somos demasiado pequenos e fracos para assumirmos tamanha responsabilidade, mas o nosso pensamento, o pensamento que conduz é grande

Além disso, temos a confiança dos nossos guerrilheiros, do nosso Povo, dos nossos compatriotas na frente externa e vossa também, vós, Lorikus de Timor-Leste que sois a esperança da Pátria, a esperança do porvir e a nova direcção da Luta não trairá nunca essa confiança.

c – Apesar de todas as previsões optimistas dos estrategas militares indonésios de que as FALINTIL não poderão resistir mais, elas continuam determinadas a resistir de armas em punho nas montanhas, aceitando continuamente o sacrifício das suas próprias vidas como o preço da liberdade do nosso Povo. As FALINTIL estão conscientes do seu dever sagrado e, por isso mesmo, apesar de terem chorado pela captura do seu comandante, do líder, irmão e pai, apesar de constatarem as enormes dificuldades que o prolongamento da guerra lhes impõem, continuam firmes e determinados no cumprimento do seu dever sagrado. Ninguém se vergou à pressão psicológica do ocupante, antes pelo contrário, todas juraram vingar a captura do seu líderes e irmãos, matando continuamente os indonésios e cobrindo de vivo sangue o chão sagrado da nossa Pátria - aste pedaço de terra, sagrada herança deixada pelos nossos ancestrais. Creio que tendo acompanhado também as operações das FALINTIL que realizam um pouco por toda a parte depois da captura dos nossos líderes, como em Lospalos, Iliomar, Laivai, nas áreas centrais do nosso País, em Hatulia, em Tasbá, em Kasatuto, arredores de Dinaro.

Houve perdas humanas e materiais traduzidas em mortes, capturas e houve também um e outro rendido. Mas embora reconhecendo a falta que a rendição de um guerrilheiro produz nas fileiras da resistência armada, falta essa que é tanto mais sentida quanto mais temos em conta as cada vez enormes dificuldades de recompletamento em pessoal, isso não representou absolutamente nada se formos a comparar com a situação dos anos 78/79, após a morte do saudoso Presidente Nicolau Lobato! Aliás, mesmo antes da captura do Comandante-das-FALINTIL pelos indonésios, já havia rendições de homens e armas e quero anotar que em muitos casos eram rendições consentidas pela Direcção da Luta como uma exigência da própria Luta pela necessidade de salvaguardar as actividades da mesma. E os guerrilheiros estão conscientes disso, aceitam esses sacrifícios para preservarem as actividades da Luta e estão conscientes também que lá onde se encontrarem, aí existe luta e nela participam buscando todas as formas ao seu alcance para resistirem à ocupação.

d – E, fundamentalmente porque o Povo Maubere continua determinado a persistir na Luta que é sua. A Luta Armada é apenas uma das vertentes da Resistência Maubere no seu conjunto. Os guerrilheiros podem ser exterminados, serão exterminados totalmente mas a resistência timorense à ocupação indonésia sob todas as formas persistirá enquanto não lhe for dado aos timorenses a oportunidade de escolherem livremente o seu futuro pela via de autodeterminação, que constitui o seu direito fundamental, direito pelo qual os timorenses lutam e morrem para conseguí-lo.

A captura dos nossos líderes não pode ser interpretada como a renúncia do nosso Povo à sua luta, como a negação do seu direito, como a sua hostilidade à direcção da Luta e aos guerrilheiros como a propaganda indonésia pretende fazer crer.

Com a captura dos nossos líderes, o nosso Povo sofreu um forte abalo psicológico e moral, mas a sua fé na luta e a sua esperança no futuro não esmoreceu e continua a depo-

sitar confiança na sua direcção e no seu braço armado - as FALINTIL, apelando-nos para nos rendermos ao inimigo porque isso seria a sua escravização eterna.

Não há lutas neste mundo que nunca tenha sofrido derrotas, estagnações e recuos, que tenha conhecido apenas vitórias; que no decurso da mesma nunca tivesse havido actos de cobardia, de infidelidade, de traições. Tento perceber que Amilcar Cabral, o líder histórico do PAIGC não teria sido assassinado pela pide portuguesa se não houvesse fugas de informação nas próprias fileiras do PAIGC? Antes pelo contrário, os guineenses cerraram as fileiras da sua Luta, prosseguiram o seu combate com maior determinação e venceram o colonialismo português, conquistando a sua independência.

Não querendo fazer transposições de situações porque reconhecemos a especificidade de condições em que cada luta se desenrola, queremos afirmar orgulhosos que a luta do nosso Povo prosseguirá até à sua libertação, porque é o Povo Maubere que está determinado a lutar.

Não são meras afirmações, meras palavras de exortação, vazias de conteúdo quando afirmamos que o nosso Povo persiste na luta e busca todos os meios ao seu alcance para consolidar as suas organizações de resistência à ocupação; pois, não fosse a firmeza e determinação dos nossos compatriotas, das massas populares, do nosso Povo não teria sido possível hoje recuperarmos dos escombros do edifício arruinado da resistência, as nossas organizações clandestinas, sem falar nos planos para prosseguirmos a luta.

É difícil o mundo compreender essa realidade, mas é precisamente isso que vivemos. Afirmamos sem exagero que continuamos a receber o calor fraterno e amigo do apoio do nosso Povo, das massas populares e vossa também, vós jovens estudantes, que sois a esperança da Pátria.

Caríssimos Jovens Estudantes
Lorikus de Timor-Leste

Podeis ter ficado impressionados pelo facto de não ter abordado a situação da nossa frente diplomática, apesar de reconhecermos que ela constitui, no actual momento da nossa luta o factor decisivo para a solução da questão de Timor-Leste.

A resposta é simples. O isolamento total que vivemos nesses últimos meses não nos permitem acompanhar a evolução dos acontecimentos que se desenrolam lá fora. Não possuimos de meios nem informações para podermos ter uma ideia do que se passa no mundo em relação à nossa luta.

É por isso mesmo que irei apenas abordar sobre determinados aspectos que a minha pobre compreensão alcança, pois devo informar-vos que eu, vosso irmão, tenho extremas limitações em todos os aspectos pelo que o que vai, merecerá as vossas críticas e correcções.

Penso que diplomaticamente falando, a captura dos nossos líderes constituiu o maior trunfo de sempre até aqui alcançado pela Indonésia, trunfo esse que a sua diplomacia pode jogá-lo da melhor forma que entender.

A reivindicação indonésia sobre o território de TL como a sua vigésima sétima província como produto da vontade popular do "rakyat" de "Tim-Tim" de escolha livre do seu destino encontra agora, segundo penso, maior fundamento na captura dos nossos líderes. O inimigo pode agora gritar ao mundo com os pulmões todos cheios de arrogância de que o "rakyat" de "Timor-Timor" já se auto-determinou, escolhendo livremente a integração, está feliz com os benefícios do "pembagunan" que a "integrasi" trouxe a "Tim-Tim", desprezando a sua luta e tornando-se hostil à guerrilha apoiando as autoridades e o exército na captura dos líderes da guerrilha e na erradicação da própria guerrilha.

Ao forçarem Xanana Gusmão a aceitar a sua soberania sobre o território de TLeste, a Indonésia pode com isso "provar" ao mundo a validade da sua tese de que a questão de "Timor-Timur" é já um facto consumado, é questão interna. "Tim. Tim" é território indonésio

... a guerrilha liderada por Amilcar Cabral ...
... guerrilha ...

por livre escolha popular, para além de que o próprio líder da Resistência "aceitou" a integração.

Jakarta sabe que o nosso ponto forte reside na questão dos Direitos Humanos - DH, questão pela qual recebemos o amplo apoio da Comunidade internacional e dos governantes do próprio ocidente - os senhores donos do poder neste mundo, os campeões de defesa dos direitos Humanos - DH.

Mas Jakarta sabe também que o ocidente não estará disposto a sacrificar os seus interesses económicos pelos direitos humanos dos timorenses e muito menos dos seus direitos fundamentais - o direito a auto-determinação e independência. A crise económica que assola hoje o velho continente faz de Portugal a potência administrante cada vez mais impotente. Portugal como membro da CEE, é um país economicamente muito fraco, dependente dos países ricos da própria CEE e por isso, não está capaz de mobilizar esses países em defesa da nossa causa. O velho continente preferirá as avultadas somas de riquezas que extraem da Indonésia pelo investimento dos seus capitais para a recuperação das suas economias do que defender os nossos direitos, já que a Indonésia é um país com uma economia em desenvolvimento, a Indonésia é um grande parceiro comercial do ocidente e Timor-Leste é uma gotinha de água no oceano dos grandes interesses deste mundo rico.

Jakarta ao explorar esta situação, vai jogando o seu trunfo a seu bel-prazer, tomando iniciativas que lhe aparentam como defensora dos direitos humanos, iniciativas que não passam de uma grande farsa mas que são muito bem-vindas pelos seus aliados políticos, religiosos, económicos e comerciais deste mundo de injustiças, iniciativas estas como por exemplo

- respeitar os direitos humanos dos prisioneiros, entre outros, dos irmãos Xanana Gusmão e Mª Auno
- Conceder-lhes visitas da C V internacional
- proceder o julgamento de Xanana Gusmão a porta aberta
- Conceder aos líderes guerrilheiros presos entrevistas de jornalistas da imprensa internacional
- permitir contactos da ONU com os líderes capturados e outros prisioneiros, etc. etc.

Todas estas iniciativas visam angariar o apoio internacional à sua tese e remeter Portugal à uma posição de defensiva passiva e também remeter ao descrédito internacional a acção da nossa frente externa.

Por tudo isso previamos já que as as passadas negociações de fevereiro e Abril entre Portugal e Indonésia não iriam surtir nenhum efeito positivo para a nossa luta, uma vez que Jakarta que já tem todo o trunfo na mão persistirá na sua inflexibilidade e apelará para o realismo.

Talvez seja pessimista demais, porque não sei o que se passa no mundo, mas perante esses factores todos não vejo perspectivas de encontrarmos uma solução para a nossa questão a curto prazo. Além disso, a conjuntura mondial, da área e da próprias Indonésia pelo reforço do regime de Soeharto é-nos muito desfavorável pelo que devemos estar preparados para uma guerra ainda mais prolongada e para a aceitação ainda de maiores sacrifícios.

Perante tudo isso, devemos ser capazes de fazer da nossa fraqueza força, para enfrentarmos o ocupante! Perante esta situação, devemos ser capazes de encontrar uma solução que leve o inimigo a aceitá-la, devemos ser capazes de encostarmos o inimigo entre a espada e a parede. Devemos ser realistas, não pelo realismo que a Indonésia defende. Realismo para nós deve significar reciprocidade de concessões.

Caríssimos Jovens Estudantes
Lorikus de Timor-Leste

Após esses sucessivos golpes demolidores que o inimigo desferiu à nossa luta e, em particular, à sua direcção, estamos perante uma situação caracterizada pelo "vazio de direcção".

Ouve-se em todo lado vozes perguntando sobre o futuro da nossa luta, sobre o rumo a que a frágil embarcação do nosso Povo, que sulcando esse oceano traiçoeiro de vagas ruidos, vai tomar, questionando a capacidade do Piloto de a conduzir ao bom porto. Soam vozes em todo o lado perguntando como será a nossa luta, como está a recomposição da Nova Direcção da Luta, etc. etc. Pessoas menos informadas até já questionam a capacidade da Direcção de reerguer dos escombros do edifício destruido, a nova estrutura da Luta. E já ouvimos também que muitos jovens, quer no interior da Pátria, quer estudando em terras do ocupante estão preocupados com o futuro incerto da nossa luta, estão desanimados, duvidosos por nada saberem da situação da direcção da luta, da Reorganização da Resistência e da sua Direcção.

Pensamos ser hoje oportuno desfazermos esta inquietante situação esclarecendo os esforços da nova Direcção em recompôr as estruturas da Resistência, reorganizando a Direcção do CNRM.

1 - O CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere) como estrutura nacional da resistência, unificadora das mais diversas tendências politicas, sociais e religiosas, de todos quantos no interior da Pátria ocupada e no estrangeiro desejam lutar pela libertação deste pedaço de Terra - sagrada herança deixada pelos nossos ancestrais, continua a ser o Órgão Nacional Supra-partidário que Comanda a Luta no seu todo.

Contudo, estrutura do CNRM entendido conceito teórico definidor das formas de organização da resistência, ela busca continuamente objectividade na sua materialização prática, procurando adaptação e correspondência às novas realidades que emergem como produto das transformações necessárias operadas pelos seus actores directos ou pelas mudanças bruscas que o inimigo nos impõe no decurso da luta, como está acontecendo agora.

A captura de Xanana Gusmão, o lider intelectual, o ideólogo e o arquitecto da formação do CNRM produziu alteração na sua composição orgânica da estrutura do CNRM, sem alterar contudo, os fundamentos politicos básicos que permitiram a existência do CNRM, mas provocou fendas profundas na sua estrutura que impunha necessidade de preenche-las.

No esforço de recompormos a estrutura do CNRM, formou-se uma Comissão Político-Militar da Resistência Armada - CPM/RA composta pelas chefias da Comissão Directiva da FRETILIN-CDF e do Estado-Maior das FALINTIL que dirigiria a Luta em regime transitório e pelo principio de Direcção Colectiva da qual se colocou à frente o companheiro Mau Hunu, secretário da CDF e novo Lider da Resistência.

Essa Comissão Politico-Militar da Resistência Armada - CPM/RA como órgão provisório da Luta funcionava como o braço lançado do Comandante-das-FALINTIL no terreno, pois até então ainda se reconhecia em Xanana Gusmão o seu papel de lider máximo da Luta apesar de estar preso e sem capacidades de decisão sobre a Luta. Essa decisão da Comissão Politico-Militar da Resistência Armada fundamentava-se na reiterada confiança que toda a resistência armada tinha no seu lider capturado apesar deste nos ter apelado para depormos as armas e rendermo-nos ao inimigo, apelo esse que embora nos tivesse desiludido à todos, soubemos compreender.

Estávamos por isso mesmo confrontando-nos com uma situação delicada entre a reiterada confiança da sua liderança RA no seu lider e a necessidade de tomarmos decisões para evitarmos males maiores, tinhamos que escolher uma.

A evolução dos acontecimentos provocou novas mudanças e adversidades a Nova Direcção para tomar medidas a fim de clarificar a situação, decidindo suspender as funções do Comandante-das-FALINTIL preso e este cargo na estrutura do CNRM.

Se se afirma que no processo de condução de uma guerra como a nossa, a capacidade subjectiva do seu Comando é factor decisivo para o sucesso da Luta, procurando por isso mesmo ultrapassar o IN. sempre por um palmo em pensamento, pessoas atentas com a evolução dos acontecimentos no interior da Pátria dirão que a nova direcção da Luta padece de capacidade

subjectivas. Não reganos! Reconhecemo-las com profunda angústia mas era também nosso dever fazermos qualquer coisa para responder a crise que a luta atravessa.

A captura de Ma'Huno, o novo líder da Resistência foi mais um novo e durissimo golpe que o inimigo nos desferiu. Como consequência, estámos perante uma situação caracterizada pelo "vazio da direcção"; como consequência também, vive-se hoje uma alteração ainda mais radical da situação, quer se trate de condições subjectivas como ainda de condições materiais objectivas.

Esforços foram dispendidos nesses últimos meses para possibilitar um contacto entre os actuais membros da direcção interna para reorganizar a luta e a sua direcção que constituia a preocupação central nossa. Após a captura do Companheiro Ma'Huno essa preocupação foi ainda maior tendo-nos esforçado por todos os meios para conseguirmos um encontro entre a direcção interna de luta todavia, o inimigo impôs-nos sérias dificuldades que nos impossibilitaram a realização desse desejado encontro para mais que estamos no terreno dispersos para cobrirmos a actual situação, materializando as tarefas estabelecidas.

Estámos por isso mesmo vivendo uma situação particularmente difícil em que só a consciência das responsabilidades nos impunha o cumprimento dos nossos deveres. Vivemos uma situação em que só a coragem política, a firmeza e determinação alimentavam vontades e energias morais para tomarmos decisões importantes e decisivas. Vivemos uma situação em que as exigências da luta ditavam a necessidade de tomada de decisões individuais em detrimento das regras de democracia, mas democracia, em nosso entender, é também RESPONSABILIDADE.

Estámos por isso mesmo vivendo uma situação particularmente difícil para a nossa Luta para além de que os princípios democráticos que regem a nossa organização de resistência ditam que qualquer decisão a tomar deve estar dentro das atribuições definidas a cada um e, em particular, para a escolha do novo chefe, necessita, no mínimo, o voto da metade dos membros que compõem a actual direcção.

Impunha-se por isso mesmo a necessidade de reunirmos coragem política necessária para tomarmos medida a fim de darmos ruptura à actual crise que enferma a nossa luta. Era necessário tomarmos a peito as responsabilidades que assumimos perante a Luta para servi-la apesar de reconhecermos as nossas extremas limitações.

2- Considerando tudo isso, no cumprimento dos deveres que assumimos da Luta e conscientes dos gravíssimos consequências que o arrastamento da situação caracterizada pelo vazio da direcção representava para a nossa luta, por DEVER E HONRA, eu, Nino Konis Santana declaro assumir hoje, 25 de Abril de 1993, a Chefia da Resistência no plano interno, resolvendo assim parte do problema que afecta a direcção da luta.

É uma decisão pessoal, mas necessária porque responde os interesses da Luta. É uma decisão que necessita da ratificação dos membros da direcção actual e estou certo que os meus irmãos ratificarão sem hesitação, dar-me-ão o seu voto de confiança pelos interesses superiores da Luta.

Pode parecer às pessoas insensatas que a nossa decisão é uma medida desesperada para remediarmos o mal, naquilo que se costuma dizer, "tapa-furos".

Se bem que reconhecemos com angústia as nossas fraquezas pessoais que nos tornam mais pequeninos para assumirmos tamanha responsabilidade, nunca é demais uma atitude de desespero porque não estamos desesperados, as dificuldades nunca constituiram motivo de desespero para nós em nenhum momento, antes pelo contrário, elas sempre nos motivaram para o exalo uma constante renovação das nossas energias, da nossa coragem e para a auto-confiança em nós mesmos, tanto individualmente como a direcção no seu todo, constituindo elas mesmo a alavanca das nossas iniciativas.

Queremos esclarecer também que o novo chefe da Resistência no plano interno não é necessariamente Comdt-de-FALINTIL, cargo que até já foi suspenso

por decisão do CPM/RA para além de que o mesmo se identifica na FRETILIN, partido que sempre militou.

Poderia perguntar se isso não equivale a partidarização da Luta e da sua direcção? Não! De forma nenhuma porque continuamos a HONRAR FIELMENTE os princípios políticos básicos que fundamentaram a existência do CNRM. Além disso a estrutura a ser adoptada pela Direcção da Frente Armada funciona em regime colegial da qual fazem parte as Chefias da CDF e do EMF e, sobretudo porque a liderança máxima é passada ou transferida ao Sr Ramos-Horta, até agui Representante Especial do CNRM no Exterior e Representante Pessoal do comandante das FALINTIL também no exterior, como tal, a liderança máxima do CNRM é apartidária. Mais adiante ou já a seguir faremos a explicação disso

3- Como disse, a minha assunção à liderança da Direcção interna apenas resolveu parte do problema que afecta a direcção da Luta pois, o que é fundamental, o que é decisivo está ainda por ser resolvido.

As extremas dificuldades que a nova Direcção interna vive, essencialmente no plano de capacidades subjectivas dos seus membros tanto individualmente como a Direcção no seu conjunto como ainda a consciência que se tem hoje acerca da exterminação da guerrilha não como uma hipótese arentada mas como uma possibilidade real a curto ou médio prazo e, tendo ainda em conta os contínuos golpes o inimigo incessantemente nos irão desferir tanto à frente armada como à frente clandestina e conscientes também que a nossa luta chegou a uma fase do seu desenvolvimento em que o factor diplomático ocupou o papel decisivo na solução da questão de TL (se bem que não podemos nunca menosprezar as acções políticas das massas populares junto do inimigo e as acções armadas da guerrilheira das FALINTIL), surge como necessidade imperiosa da Luta garantirmos a manutenção e continuidade da resistência organizada do nosso Povo em todos os planos, tendo como condição fundamental/vital a existência de uma Direcção capaz, segura, estável e combativa quer no interior da Pátria e, sobretudo, no estrangeiro.

Considerando tudo isso e fiéis para com os princípios que fundamentaram a existência do CNRM, princípios cujo observância rigorosa constituem a condição fundamental para a manutenção e coesão da nossa organização de Resistência Nacional à ocupação, a Direcção da Luta no plano interno decidiu, no interesse da Luta, proceder a transferência de poderes de decisão global sobre a Luta ou seja, a liderança máxima do CNRM ao Sr. José Ramos-Horta até agui assumindo o papel da Representante pessoal do Comandante das FALINTIL e Representante Especial do CNRM no exterior.

Esta decisão da Direcção interna da Luta marca uma viragem histórica radical na condução da Luta, invertendo as posições que a liderança interna e externa ocupavam, passando esta a Comandar aquela. Como consequência, impõe-se a necessidade de redefinirmos as estruturas a funcionar no interior da Pátria, tanto na frente armada quanto na frente clandestina pois que na frente externa as competências estão entregues ao Líder Máximo do CNRM.

Prevemos que Jakarta se apressará em fazer o aproveitamento político-diplomático desta situação movendo a sua diplomacia a explorá-la, mas pensamos que a acção da Indonésia terá apenas efeitos imediatos enquanto que a nossa decisão cumpre uma dupla função: responder a situação presente e garantir pelo tempo fora a continuidade da resistência organizada e dirigida do nosso Povo.

Por outro lado, essa forma de Direcção da Luta não é um facto novo e único no mundo para não merecer legitimidade e reconhecimento internacional. O Povo palestino que luta há mais de duas décadas para edificar um estado palestino livre, tem a sua direcção, a OLP no exterior dirigindo a intifada palestina no interior da pátria palestina ocupada pelo exército de Israel.

Embora nunca desejássemos fazer transposições de situações porque reconhecemos a especificidade de condições em que cada Luta se desenvolve e a OLP recebe um apoio internacional incomparavelmente superior a nós para além de que ela luta numa área geo-política total mente favorável, julgámos que não seria por isso que se tornaria ilegítima a direcção Máxima da Luta situar-se no exterior.

Assim, pela inversão das posições que o interno e o externo ocupam hoje, a Direcção da Luta na Frente Armada desempenhe o papel de direcção sòmente no plano interno submetendo-se a liderança máxima no exterior.

Funcionam, portanto, dois órgãos da Luta no plano interno: o Conselho Executivo da Luta/Frente Armada - CEL/FA e o Conselho Executivo de Luta/Frente Clandestina - CEL/FC que na sua relação com o CNRM - órgão máximo da Luta, são todos orgãos executivos como o proprio nome indica; porém, há uma particularidade que se deve aclarar: a relação que existe entre o CEL/FA e o CEL/FC é de subordinação do segundo ao primeiro ou seja, o CEL/FC mantem a anterior relação de dependência e subordinação à Frente Armada

4- Constitui cada orgão executivo da Luta 5 (cinco) membros do CNRM, reforçando assim o efetivo da direcção da Luta no plano interno para um total de 10 (dez) membros.

4.a- Na Resistência Armada, o Conselho Executivo da Luta/Frente Armada é constituido por uma Comissão Politico-Militar da Resistência Armada, formada pelas chefias da Comissão Directiva da FRETILIN - CDF e do Estado-Maior das FALINTIL - EMG.

a.1 - Da chefia da Comissão Directiva da FRETIL - CDF

- Nino Konis Santana - Vice-Secretário da CDF (acumulando as funções de Secretário da mesma) é o Chefe do Conselho Executivo/F. Armada.
- Lú Olo - Vice-Secretário da CDF e membro do CNRM, responde pela mobilização do Povo de Timor-Leste a Luta

a.2 Da Chefia do Estado-Maior das FALINTIL

- Taur Matan Ruak - Chefe do Estado-Maior
- Lere Anak Timor e David Alex Dai Tula - Sub-chefes do Estado-Maior

A chefia do Estado-Maior das FALINTIL é o que Comanda as FALINTIL no Terreno, accionando-as para manter sempre vivas as chamas da Resistência Armada

4.b- Quanto a estrutura da Frente Clandestina, ou do Conselho Executivo da Luta/Frente Clandestina, por razões de segurança não é revelada. No entanto informa-se que os 5 (cinco) membros que Constituem o Conselho Executivo da Frente Clandestina são todos membros efectivos do CNRM e serão providos das massas estudantis e das massas populares.

São essas, caríssimos jovens estudantes, as ideias básicas que queria aproveitar essa oportunidade para vos dar a conhecer-com relação a nova estrutura da Luta. Pelas deficiências próprias minhas, a explicação é deficiente e confusa reflectindo tão sòmente a enorme teia das dificuldades que me envolvem. pelo que vos peço, meus queridos irmãos, a vossa compreensão para as presentes dificuldades que eu vivo, representando a mim mesmo e toda a Direcção e procurem desnovelar o fio para encontrar a ponta da meada desta confusão.

Caríssimos Jovens Estudantes
Companheiros de Luta

Vós tendes a vossa própria concepção sobre o conceito da RESISTIR que nos insufla coragem para continuarmos a resistir cumprindo o nosso dever de continuarmos a morrer pela libertação da nossa Pátria. A concepção que tendes sobre a palavra de ordem RESISTIR que se traduz na afirmação "Lutar para morrer" ou "Fuan para mate" tem um sentido politico muito profundo, reflecte o vosso alto grau de consciência das responsabilidades que assumistes perante a Luta, traduz a responsabilidade que assumistes pelo futuro da nossa Pátria que está entregue a vós e posso afirmar convicto de que é um facto único na história da nossa luta, do qual

nos sentimos orgulhosos, porque mais do que nunca estamos certos de que a exterminação total da guerrilha jamais representará o fim da nossa luta pela libertação da nossa Pátria, porque o futuro da luta está entregue em mãos seguras!

Ao enfrentardes de peito aberto as armas mortíferas dos assassinos soldados de Tri Sotrino em Santa Cruz, tingindo o chão sagrado da nossa Pátria com o vosso generoso sangue, provastes a vossa bravura e coragem, afirmastes na prática a concepção que tendes pelo conceito/palavra de ordem RESISTIR.

Ao marchardes nas ruas de Jakarta ignorando os trágicos acontecimentos de Santa Cruz em Dili, enfrentando todo o aparato de segurança dos criminosos ocupantes e desafiando a leões da ASEAN no seu próprio covil, provastes aos assassinos indonésios que armas nunca farão calar a nossa voz, revelastes ao mundo que desprezamos o inimigo com toda a nossa alma!

A vossa corajosa acção teve um preço muito caro, caríssimo!

Em Timor-Leste centenas de corpos indefesos foram dizimados a tiros de metralhadoras dos assassinos soldados indonésios, ou apunhalados pelos sololados de Tri Sotrino; outros corpos ficaram feridos e outros tantos desaparecidos; centenas dos vossos companheiros foram presos. As vossas carnes foram despedaçadas em Santa Cruz servindo de estrume à nossa Terra, o vosso sangue transformou-se rios, ligando Santa Cruz ao mar de Lecidere.

Nas ruas de Jakarta, dezenas de vossos companheiros foram presos, torturados, traumatizados e outros condenados a prisão perpétua pela justiça injustiça da justiça indonésia.

A vossa tenacidade e bravura, a vossa acção corajosa e decidida conseguiu extremecer a Indonésia nos seus fundamentos e alterou radicalmente a situação da nossa luta no plano internacional.

Nós todos, da Resistência Armada, ficámos orgulhosos com o vosso imparável exemplo de coragem, de bravura, de dedicação total à luta, e de amor à Pátria! Nós todos sentimos que a nossa coragem não pode ser comparada com a vossa porque, nós resistimos à ocupação lutando da armas na mão, porque nós morremos a combater, premindo o gatilho das nossas armas enquanto que vós morreis a combater, premindo o gatilho da vossa coragem e bravura!

Temos ainda que percorrer um longo caminho, a libertação da nossa Pátria ainda vai exigir de nós a aceitação ainda de maiores sacrifícios a vamos prosseguir o nosso combate com maior determinação e firmeza. Vamos continuar a provar ao mundo e aos indonésios que a captura dos nossos líderes não representou o fim da nossa luta, que a exterminação da guerrilha não significará o fim da resistência do nosso Povo à ocupação indonésia!

Nós, os vossos irmãos guerrilheiros, vamos continuar a morrer combatendo os soldados indonésios pelo amor das nossas armas; aceitando a nossa morte, a nossa extermínação como um sacrifício que a nossa luta exige, como uma necessidade da nossa própria luta.

E vós, queridos irmãos, deveis continuar a resistir ocupando com valentia o vosso posto combate! Vós deveis continuar a provar pelo tempo fora que a nossa luta só acabará quando tivermos já a nossa Pátria livre e independente. Vós deveis continuar a provar pelos vossos actos que morreremos exterminados mas não permitiremos que os nossos direitos sejam espezinhados!

Mas queridos companheiros de luta, não podeis prosseguir o vosso combate sem antes vos organizardes para a luta. Sem uma organização sólida e eficaz, as vossas acções não conduzirão a nenhum fim; por mais bravos e corajosos que sois, a vossa acção será condenada ao fracasso! Deveis organizar-vos para a luta!

Não sei qual é o estado actual das vossas organizações, embora saiba que continuais a lutar. Mesmo no passado nunca estive ligado à vossa organização porque como sabeis também, na altura vós dependeis directamente do Comando anterior da Luta anterior.

Hoje, porém, pensámos ser necessário e indispensável conhecermos o estado

das vossas organizações, as vossas capacidades reais e potenciais para podermos estar capazes de vos apoiar com as nossas fraquezas e para podermos mobilizar-vos à luta.

Acredito que no massacre de Santa, muitos responsáveis da OJETIL tombaram, outros teriam sido presos, outros desaparecidos. Na sequência da captura do Amaldo da FALINTIL, acredito também que mais alguns responsáveis teriam sido capturados, presos.

Na Indonésia, pensamos que tanto a RENETIL como a FECLETIL também foram duramente golpeados. Acredito pessoalmente que com a captura e o aprisionamento dos vossos líderes, as vossas organizações teriam sido fortemente abaladas ou mesmo destruídas.

Já ouvir por alto que existem profundas divergências entre vós, tanto em Timor-Leste como na Indonésia, sem saber ainda as causas dessa divergência. Se é verdade que existem essas profundas divergências isso atesta tão somente o estado da vossa desorganização. Não quero incriminar-vos de forma nenhuma porque não conheço a situação real da vossa organização.

Mas eu penso que e todos nós devemos pensar que a captura dos nossos líderes deve motivar-nos para fazermos uma profunda reflexão sobre os erros do passado para construirmos o presente e prepararmo-nos melhor para o futuro.

Se o objectivo que nos move a todos nesta luta é a libertação da nossa Pátria, penso que as nossas diferenças, as nossas divergências políticas e/ou ideológicas não devem constituir a muralha de separação dos nossos esforços, não deve constituir motivo de distanciamentos entre nós.

Nós todos devemos estar conscientes de que as nossas divergências e os nossos fracassos permitiram a infiltração inimiga em profundidade no nosso seio e há que impedirmos mais novas infiltrações do IN, reforçando a nossa vigilância.

Há que reunirdes coragem política necessária para romperdes com as visões sectárias e fraccionistas, para combaterdes o espírito de concorrência, o espírito de competição, o espírito de quem faz mais e pode mais, pois meus queridos irmãos, devemos nós todos estarmos conscientes de que a nossa única ambição é a libertação da nossa Pátria.

Há que reunirdes coragem política necessária para reerguerdes do escombros, o edifício da vossa organização.

Peço-vos para apresentarem, com imparcialidade, a situação actual que vive as vossas organizações, da OJETIL, da RENETIL, da FECLETIL e outras organizações estudantis congéneres se houver.

Ignoro o estado actual das vossas organização, as causas das vossas diferenças, mas penso ser imprescindível unirdes os vossos esforços para estardes capazes de combater e propondo-vos a ideia de uma convergência na cúpula da direcção das vossa organizações. Aguardo vossas opiniões.

Peço as vossas opiniões sobre a estrutura da frente clandestina, a vossa participação no CEL/FC, as vossa ideias e sugestões, os vossos projectos e planos.

Vós caríssimos jovens estudantes, tendes a obrigação maior de velar pela vida das vossas organizações, vós tendes a obrigação de continuar a manter acesa as chamas da nossa luta pelo tempo fora, vós tendes a obrigação de assumir as responsabilidades do futuro da nossa Pátria, pois vós estais melhor preparados do que nós, vós estais em melhores condições para verem e olharem um bocado mais além, porque nós, os vossos irmãos da RA, somos os analfabetos que estamos dirigindo esta luta, para mais estamos condenados a extermínação total!

PÁTRIA OU MORTE !

A LUTA CONTINUA EM TODAS AS FRENTES!

RESISTIR É VENCER!

VIVA O CNRM !

VIVA AS FALINTIL ASWAIN!

VIVA O POVO MAUBERE !

Timor - Leste aos 25 dias do mês de Abril de 1993

A Chefia do CELIFA

Nino Konis Santana
Chefe do Conselho